
“Bixa” Preta Afeminada: Resistência e Ressignificação de Artistas Negros Homossexuais na Publicidade¹

Lucas ANDRADE²
Faculdade Unime de Ciências Sociais

RESUMO

No presente artigo busca-se compreender de que forma o surgimento de artistas negros homossexuais e afeminados na publicidade contribui no processo de ressignificação de um grupo social estigmatizado. Diante disso evidenciar de que maneira a publicidade explora esse movimento na mídia, e como isso contribui no processo de ressignificação de um grupo social estigmatizado, analisando a partir de um ponto de vista estrutural, no que tange questões as questões de gênero e negritude. Demonstrando como a atuação desses artistas contribuem para quebra de paradigmas além de requalificar estereótipos antes estigmatizados. Criando linhas de raciocínio que permitem observar os avanços sociais a cerca de um grupo que de maneira gradual vem transformando as novas maneiras de perceber o outro e a si mesmo dentro desse contexto .

Palavras-chave

Homossexualidade; Racismo; Ressignificação; Cibercultura; Marketing de Causa.

1. REPRESENTAÇÕES NADA REPRESENTATIVAS

A palavra “minoría”, segundo o Aurélio: Inferioridade em número. A parte menos numerosa (de um corpo deliberativo) (AURÉLIO). Em um contexto social não se refere a questões quantitativas, mas sim a sua relação de desvantagem com grupos dominantes e a construção de um padrão social. Partindo deste pressuposto entende-se que mesmo de forma inconsciente sabe-se que esse dado está relacionado quase que diretamente também a comunidade afro-brasileira e sua relação com gênero, raça e classe, de forma conjunta criando assim níveis hierárquicos até mesmo dentro destes grupos classificados enquanto minorias como conceitua Kimberlé Crenshaw:

¹ Trabalho apresentado na IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Faculdade Unime de Ciências Sociais. Email: luhandrade03@gmail.com

“A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos”. (Crenshaw, 2002)

Quando se equaciona gênero, raça e classe, automaticamente se hierarquiza e determina os papéis de poder deste grupo social. Quando se fala em poder, entende-se que o homem está no centro de tudo, até mesmo quando esse homem, não é provido de atributos estéticos e intelectuais idealizados, forçando-o a vestir uma “mascara” que esconde suas origens, mas que lhe possibilita novas perspectivas como reforça Frantz Fanon em seu livro *Pele negra máscaras brancas*:

“Isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será”. (Fanon, 1952)

Quando o homem negro assume determinado papel de destaque na sociedade ele traz consigo uma série de estereótipos que compõem a persona deste “homem de poder” reduzindo a sua existência a um ideal de masculinidade que permeia a sua virilidade, hipermasculinidade e hiperssexualização. Segundo Alan Augusto Moraes Ribeiro, é possível identificar insuficiência no que tange a masculinidade negra:

“Quando percebe as masculinidades negras a partir da masculinidade hegemônica como símbolo do poder patriarcal racial, este modelo pode nos levar a reduzir as leituras sobre: a) as complexidades das subjetividades vividas por homens negros percebidas sobre si mesmos e b) as múltiplas práticas sociais por eles experienciadas ao suposto status subordinado no interior da estrutura racial dominante e do regime de gênero. Além disto, este modelo negligencia o status real que é conferido à homens negros em um conjunto de outras relações vividas em práticas cotidianas, em espaços de lazer, na interação com familiares, com a comunidade de origem ou mesmo em contextos que valorizem estes sujeitos como indivíduos autônomos” (Ribeiro, 2017)

Sendo assim constata-se que independente da condição social classe ou raça, o homem está sempre no centro das decisões, e o homem negro ainda que inferiorizado diante do homem branco, que do ponto de vista colonial detém os atributos necessários para ocupar o topo da cadeia social, se apropria de uma herança patriarcal que para validar a sua existência se faz necessário assumir uma identidade que muitas vezes não condiz com a sua, porém, para emergir da invisibilidade social, se obriga a isso. Enquanto o homem que se recusa a se encaixar nesses moldes, tende a sofrer, não apenas pela invisibilidade social, mas também o preconceito dentro do seu próprio meio, como ilustra o caso do ator, drag queen, modelo, autor e cantor americano, Andre Charles mais conhecido como *RuPaul*, que declarou em suas redes sociais que é “evitado pelos brancos por ser negro, pelos negros por ser gay e pelos gays por ser afeminado”.

Carregar em si tantos estigmas faz com que mais do que nunca a existência se transforme em resistência, para uma sociedade que faltam espelhos que reflitam o verdadeiro rosto dessa minoria, como explica Stuart Hall:

“Quero finalizar com dois pensamentos que nos levam de volta ao sujeito da cultura popular. O primeiro é lembrá-los de que essa cultura popular, mercantilizada e estereotipada como é frequentemente, não constitui, como às vezes pensamos, a arena onde descobrimos quem realmente somos, a mente mítica. É um teatro de desejos populares, um teatro de fantasias populares. É onde descobrimos e brincamos com as identificações de nós mesmos, onde somos imaginados, representados, não somente para o público lá fora, que não entende a mensagem, mas também para nós mesmos pela primeira vez. Como disse Freud, o sexo (e a representação) acontecem principalmente na cabeça. Em segundo lugar, embora o terreno do popular pareça ser construído com binarismos simples, ele não é”. (HALL, 1992)

Essa falta de espelhos que reflitam uma sociedade mais igualitária, impacta diretamente na construção dos perfis sociais estereotipados, reduzindo homens negros a corpos fortes e viris. Porém, quando essa reprodução é confrontada como no caso dos negros gays afeminados, percebemos que além de racismo também está presente nesse discurso o machismo, que invisibiliza mulheres e toda e qualquer representação de feminilidade.

Quando o negro gay não reflete em suas atitudes a força bruta do homem sem muita educação e ao invés disso demonstra certa inclinação ao universo feminino, acaba por perder a única coisa que o deixa a frente de outros. Como no período escravocrata o homem negro é submetido a uma escada de atributos físicos. Corpos fortes e até mesmo o tamanho do pênis os coloca degraus acima inclusive do homem branco, mas que, diferente dele não lhe garante um caminho que não seja o da solidão social. Estando ele melhor posicionado nesta “escada” ou não, está fadado a viver sob as rédeas da submissão, como também conclui Antônio Marcos Junior:

“Diante do caráter normatizado da misoginia³, sabe-se que até entre os gays há a tendência de incorporar o discurso opressor presente entre os machistas mais conservadores e reacionários. Comumente, homossexuais masculinizados discriminam homens que possuem a mesma orientação sexual daqueles, por serem afeminados. A questão perpassa pelo machismo, uma vez que por identificar características femininas em um homem, que na sociedade marcadas pelo patriarcado, deveria se sentir superior simplesmente pelo fato natural de ser homem, mas que ao invés disso assume características não masculinizadas provoca um sentimento de incompreensão e conseqüentemente de aversão em pessoas homofóbicas”. (JÚNIOR, 2015)

Dada as circunstâncias é de suma importância compreender a dimensão dos efeitos sociais causados pela colonização, que vem sendo reproduzido por séculos, sendo o machismo um dos agravantes mais presentes, ainda que inconscientemente.

Haja visto do que se refere ao quesito representatividade, o homem branco é a principal referência que se tem nos perfis sociais midiáticos. E ainda que o homem negro supracitado tenha plena consciência do seu papel, como não reproduzir aquilo que lhe foi ensinado durante séculos? A verdade é que, subverter as regras desse sistema tem muito mais haver com a descoberta do seu eu verdadeiro e da diáspora que corrompeu toda a sua memória ancestral, do que, simplesmente uma atitude anarquista. Ao perceber-se enquanto homem negro, não pertencente aos padrões “heteronormativos” recebe essa pressão por parte não só da sociedade como um todo, bem como pela própria minoria a qual ele está inserido, por não refletir as expectativas

³ Misoginia é o ódio, desprezo ou preconceito contra mulheres ou meninas. A misoginia pode se manifestar de várias maneiras, incluindo a exclusão social, a discriminação sexual, hostilidade, androcentrismo, o patriarcado, ideias de privilégio masculino, a depreciação das mulheres, violência contra as mulheres e objetificação sexual.

as quais se espera. Como constata NORMAN YEE em sua pesquisa, onde 60% dos gays negros se afirmam ativos ou versáteis enquanto 87% dos gays brancos se declaram passivos ou versáteis em um universo de 347 gays de diferentes idades, origens étnicas e econômicas. Yee ainda comprova que gays brancos que se declaram passivos tendem a preferir se relacionar com homens de raça negra.

Isso, deixa o gay negro não masculinizado com muito mais chances de não se satisfazer por completo. Esse dado revela o quão marginalizadora e inferiorizadora é a padronização, a ponto de obrigar o indivíduo a se submeter a um tipo de relação sexual na qual não lhe satisfaz, apenas, para fugir da solidão social. Como reitera Mary Drumont:

“O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre homens e as mulheres, reduzindo os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos.

Ao apropriar-se da realidade sexual, ou machismo, em seu efeito de mistificação, super codifica a representação de uma relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens e representações eróticas, instituições sexuais etc) produzindo “duas linguagens”: uma masculina e uma feminina. Nesta produção-reprodução de papéis, códigos, representações sexuais etc, há produção espaço aberto, no sentido dado à expressão “corpo sem órgão por Guattari e Deleuze (6) da extorsão do prazer, o sentido, do poder, do objeto, etc, onde se reproduzem as próprias condições de subordinação da mulher”. (DRUMONT, M.P.1980)

Mediante o exposto, identifica-se que, de acordo ao contexto social de que ser feminino, independente do gênero biológico deixa o ser humano em uma posição de inferioridade. Sendo isso associada a questões raciais faz decrescer de posição o negro gay não masculinizado, trazendo a luz inúmeros problemas de cunho segregatório. Que por assim dizer, atira o homem negro as margens da sociedade, fazendo com que sua sobrevivência seja pautada em um ideal de branqueamento extremamente competitivo e excludente como afirma Joel Zito Araújo:

“Na história das nossas mídias audiovisuais, o desejo de branqueamento da nação, ideário que já estava consolidado desde o século XIX, acabou por se tornar um peso imagético, uma meta racial que nunca provocou rebeldias. Ao contrário, tornou-se convenção e naturalizou-se como estética audiovisual de todas as mídias, incluindo-se aí especialmente a TV, o cinema e a publicidade” (ARAÚJO, 2006, p.73).

Para o homem branco, cuja a estética casa perfeitamente com o que a grande mídia deseja representar, ainda que não seja o ideal, é ainda assim o mais aceitável no que tange a homossexualidade. Durante séculos esse é o único perfil aceitável para representar também o homem com desejos culturalmente femininos, obrigando assim a quem não está nesse padrão a ter duas escolhas: ou se submeter a uma busca quase que impossível para atingir um ideal de branqueamento ou se colocar em situação de total vulnerabilidade e depreciação, se submetendo a ocupar na mídia papéis humorísticos depreciativos que ridicularizam a sua existência enquanto ser humano.

Entretanto com o passar dos anos e com o advento da comunicação digital, bem como, a busca pela compreensão do indivíduo em sua pluralidade, criou-se a necessidade de se ter na mídia, perfis mais humanos e que reflitam verdadeiramente os rostos do consumidor, dando vez e voz a minorias que antes viviam nesse jogo de representações nada representativos, como veremos nos próximos capítulos.

2. NOVAS MÍDIAS COMO POSSIBILIDADE DE PERTENCIMENTO

Para indústria cultural, pouco importa sua cor ou condição sexual, afinal, tudo o que você é e pensa sobre absolutamente tudo, faz parte de uma construção social. Por mais que não admita, é ela quem dita as regras desse jogo de dominação que chamamos sociedade. E aquele que tenta seguir o movimento contrário das engrenagens que põem ordem na sociedade, assume o risco de ter seus direitos subtraídos e conseqüentemente coloca sua sanidade à prova de questionamentos.

Vivem-se em padrões inexistentes de uma cultura inventada, que não se reconhece enquanto plural, não representa a maioria e se vale do seu poder para deslegitimar a mesma, invertendo a proporção na eterna perpetuação de padrões que são replicados na mídia como um todo.

Reforçando estereótipos e enfraquecendo a identidade histórica nacional, a fim de homogeneizar a população, de modos que a mensagem não tenha ruídos como discorre Mauro Wolf sobre a indústria cultural em seu livro teorias da comunicação:

“Sob as diferenças, permanece uma identidade de fundo mal disfarçada - a identidade do domínio que a indústria cultural exerce sobre os indivíduos;

«aquilo que a indústria cultural oferece de continuamente novo não é mais do que a representação, sob formas sempre diferentes, de algo que é sempre igual; a mudança oculta um esqueleto, no qual muda tão pouco como no próprio conceito de lucro, desde que este adquiriu o predomínio sobre a cultura» (Adorno, 1967, 8). No sistema da indústria cultural, o processo operativo integra cada elemento, «desde o enredo do romance que tem já em mira as filmagens, até ao último dos efeitos sonoros» (Horkheimer - Adorno, 1947, 134): os cineastas examinam com desconfiança qualquer manuscrito em que não se encontre já um tranquilizante best-seller”. (WOLF, 2007)

Diante do exposto, torna-se quase impossível não se render ao sistema imposto, que não admite nenhuma forma de existir que não se iguale aos moldes da indústria, que se vale das mais diversas formas de aculturação para criar uma cultura dominante cheia de estereótipos e com enredos pré-definidos que devem ser seguidos sem exceções.

Stuart Hall em seu livro *Pensando a Diáspora* exemplifica essa ideia dizendo que “grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura metropolitana dominante” (HALL, 2006, p.31).

Partindo do pensamento de Hall, e comparando com a produção artística nacional, é possível observar o quão danosa é essa regra na produção cultural, que ainda que se tenha diferentes emissores, a mensagem se faz sempre a mesma reforçando padrões e conseqüentemente inferiorizando outros, como quando se tem como legítimo um ideal de estética, que a maior parte da sociedade não possui, mas que condiciona a sua vida, a busca para se encaixar nele, como quando um artista negro e gay afeminado, precisa ser exatamente o que o imaginário coletivo define que ele seja, pois exceções que fogem à regra tendem a sucumbir, como conclui Mário Wolf sobre indústria cultural no livro *teorias da comunicação*

A indústria cultural é uma estrutura social cada vez mais hierárquica e autoritária, transformam a mensagem de uma obediência irreflexiva em valor dominante e avassalador. Quanto mais indistinto e difuso parece ser o público dos modernos mass media, mais os mass media tendem a conseguir a sua «integração». (WOLF, 2007)

Quando se entende, como funciona o sistema da indústria cultural, é possível perceber que até mesmo quando surgem perfis socialmente lidos como “fora do padrão” na verdade é só mais uma maneira de fazer com que a representação dessa individualidade, seja uma forma possível de massificação. Como quando nos deparamos

com a ascensão de artistas que representam minorias, como Rappers, Drag Queens, e artistas que quando inseridos no contexto artístico midiático, precisam abraçar causas ainda que as mesmas não dialoguem com a sua verdade.

Grupos menos favorecidos, precisam se sentir representados, e é papel da publicidade integrar esses grupos, mesmo que com o único intuito de extrair capital.

Por tanto se faz necessária a criação de novos perfis mais representativos, não obstante, que ainda assim estejam dentro do previsto pela indústria cultural, como no caso de marcas que defendam causas e/ou grupos, como mostra Judith Williamson:

“[...] a propaganda ‘interpela’ os indivíduos e convida-os a identificar-se com produtos, imagens e comportamentos. Apresenta uma imagem utópica de novidade, sedução, sucesso e prestígio mediante a compra de certos bens. [...]”, por conseguinte, os indivíduos aprendem a identificar-se com valores, modelos e comportamentos sociais através da propaganda.” (KELLNER, 2001, p.322).

A teoria culturalista de Wolf e o conceito de propaganda acima exposto andam de mãos dadas para o domínio pleno da sociedade. Que por sua vez a transforma em uma grande massa, possível de ser manobrada e que se enxerga de forma avessa a realidade.

O que vem sendo mudado com o passar dos últimos anos, com o advento da internet. Que trouxe o conhecimento antes pouco difundido, para o alcance dos olhos daquele que com um pouco mais de curiosidade, ousa analisar como funciona o sistema, e acaba por flertar com a possibilidade de realmente pertencer a algum lugar.

Ainda que o mesmo não exista fisicamente, mas que lhe dá a possibilidade de (re)existir, longe de uma padronização impositiva como nos moldes da sociedade cultural, e sim de maneira colaborativa, onde todos contribuem para a formação dessa nova cultura como explica Antoun:

Este novo ativismo (...) fez da comunicação mediada por computador (CMC) seus sentidos cognitivos e sua mente. Ele integrou nela seu olho, suas imagens, seu ouvido, suas sonoridades, sua boca, suas falas, sua pele, seus contatos até construir este corpo comunitário apto a viver no ciberespaço, programando os softwares da CMC como novos instrumentos para o pensamento e a ação. Com isto igualou o meio à mensagem através da prática da ação direta, fazendo da CMC um lugar de percepção afeto e atividade para as novas comunidades. (Antoun, 2001: 138).

A possibilidade de se sentir pertencente em uma sociedade colaborativa, causa no indivíduo a sensação de autonomia. E é essa emancipação social que faz do ciberespaço⁴ um terreno de imediata expansão de novos conteúdos e conceitos. Possibilitando que novas formas de expressão possam chegar ao domínio da grande massa, que compõe esse espaço “[...] Aqui exemplifica-se o facto do ciberespaço ser um lugar de fácil acesso e de visibilidade para os cibernautas divulgarem diversos conteúdos.” (RODRIGUES, Rosália. 2009, p26).

A facilidade com que a informação que chegava antes de forma parcial e muitas vezes manipulada, hoje tem chegado ao conhecimento da sociedade, com mais clareza além da possibilidade de análise de detalhes minuciosos. Isso faz com que discursos acerca do domínio que a mídia exerce sobre a sociedade incitem no indivíduo a necessidade de tornar o ciberespaço, em um ambiente pluralmente acolhedor e representativo.

“A mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas”. (Downing, 2002: 50)

A necessidade de criar veículos comunicacionais com o intuito de propagar as informações que não são fornecidas em sua totalidade para o público. Surge principalmente a partir desse sentimento de confiança, como explica Downing.

Ao questionar-se, sobre os processos de hegemonia. Grupos sociais menos favorecidos e muitas vezes invisibilizados, encontram na internet, um espaço, onde a sua voz pode ser escutada e se juntar a milhares de outras vozes. É como se as mazelas da individualidade de cada um, convertessem-se em processos coletivos de empoderamento. É o que Antoun, chama de ciberativismo, que nasce nas redes e toma as ruas:

“Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as

⁴ Trata-se de um espaço que não existe fisicamente, mas virtualmente. Pode-se afirmar que o ciberespaço diz respeito a uma forma de virtualização informacional em rede. Por meio da tecnologia, os homens, mediados pelos computadores, passam a criar conexões e relacionamentos capazes de fundar um espaço de sociabilidade virtual.

formas de lutar e se manifestar publicamente. Vida, comunidade e luta política tornam-se um só e mesmo movimento” (Antoun, 2001: 139).

A sociedade que se constrói a partir do ciberespaço, ainda que nutrido de uma informação obtida de forma simples, por meio da internet, mas que não é veiculada para os grandes meios de massificação como: Tv, rádio e mídia impressa. Carrega em si o desejo de construir uma sociedade mais igualitária, longe da construção social, que oprime e silencia minorias segundo Henrique Mazetti:

“O excesso de informação a que somos oferecidos pode estar fazendo com que a busca das mídias alternativas por “quebrar o silêncio” se transforme em uma tentativa de angariar a atenção das pessoas no meio de tanto “barulho” (MAZETTI, 2007, p06)

Enxergar essa nova construção, permite que se compreenda o porquê da ascensão de artistas, cada vez mais difusos dos padrões sugeridos pela indústria. Novas formas de discursos passam a ecoar em toda a sociedade, reverberando até mesmo fora da “bolha digital”. Abrindo espaço para as ditas mídias alternativas, que combatem o discurso das tradicionais, trazendo à luz fatos antes desconhecidos, fortalecendo a máxima de que a cada dia a internet se torna indispensável na busca e troca de informação como conceitua Henrique Mazetti:

“Em um exame inicial, a Internet se mostra um abrigo ideal para veículos de comunicação alternativos que disseminam contra-informação. Dos blogs aos sites hospedados em servidores estrangeiros, o que dificulta o trabalho da censura local, a estrutura do meio faz surgir diversas teorias que apontam a internet como uma nova esfera pública, mais participativa e de difícil contenção pelo poder. ” (MAZETTI, 2007,p 08)

A prova disso, seria a abertura de espaços que abordam temas como, homofobia e racismo, dentre outras pautas antes silenciadas, de acordo com as práticas de massificação da indústria cultural, que vem se curvando diante da demanda popular.

Hoje a mídia tradicional tem bebido da fonte inesgotável das mídias alternativas, como uma medida emergencial, para não sucumbir diante do clamor popular. De acordo com Xavier e Dordor:

“A reflexão mídia/mídia alternativa deve assimilar as modificações estruturais das mídias, por mais profundas que sejam estas; a web talvez seja o melhor

exemplo, com o advento do digital, que aproxima as mídias de massa umas das outras. Da mesma forma, essa reflexão deve assimilar o potencial da mídia alternativa”. (XAVIER DORDOR, 2007)

A mídia tradicional percebendo-se dentro de um modelo obsoleto, entende que assimilar esses novos moldes pode trazer maior legitimidade para seus sistemas de massificação. Transformando as novas formas de ativismo social em ações de marketing muito mais eficazes, onde o produto e o consumidor estabelecem um laço de confiança e maior fidelização por fatores emocionais, como sugere Philip Kotler:

“Hoje, vemos o marketing transformando-se mais uma vez, em resposta à nova dinâmica do meio. Vemos as empresas expandindo seu foco dos produtos para os consumidores, e para as questões humanas. Marketing 3.0 é a fase na qual as empresas mudam da abordagem centrada no consumidor para a abordagem centrada no ser humano, e na qual a lucratividade tem como contrapeso a responsabilidade corporativa”. (KOTLER, 2010, Introdução)

O conceito de marketing 3.0 aliados aos moldes de indústria cultural, cibercultura e mídia alternativa, quando usados da maneira correta fazem com que a mensagem chegue ao receptor de maneira incisiva, atingindo-o por completo. Fortalecendo a relação da marca com o consumidor, dando novo significado a essa relação.

Dada as circunstâncias, artistas negros, gays afeminados, emergem do fundo da invisibilidade social. Esses novos moldes são o cenário perfeito para que estes sejam vistos de um lugar, cujo seus corpos ultrapassem estereótipos, e sejam respeitados enquanto produtores culturais, que fomentam discursos que representam uma classe cada vez mais crescente, e com alto poder consumo. Mas que, diferente do que era imposto nos antigos moldes, também com poder crítico, e detentor da autonomia e liberdade de expressão nos meios digitais, podendo até mesmo acabar com a reputação de uma marca, com apenas um *post*⁵.

Sendo assim, se faz evidente a importância das novas formas de comunicação, para os processos de ressignificação de grupos sociais estigmatizados, e o quanto esses novos processos podem contribuir para a quebra de paradigmas de cunho hegemônico, como veremos no próximo capítulo.

⁵ Mensagem ou conteúdo publicado numa rede social, num fórum ou em um blog; publicação; postagem.

3. SUBVERSÃO DA NORMATIVIDADE COMO FATOR DE (RE) EXISTÊNCIA

Em referência a tudo o que já foi dito até aqui, percebe-se que a resistência é o primeiro passo para a ressignificação, contudo, para chegar até ela é preciso não apenas caminhar, como também construir um novo caminho.

De Madame Satã, filme de 2002, cujo a história se passa “nas favelas do Rio da década de 1930, João Francisco dos Santos é várias coisas - filho de escravos, ex-presidiário, bandido, homossexual e patriarca de um bando de párias. João se expressa no palco de um cabaré como o travesti Madame Satã.” (Sinopse filme, 2002). A Vera Verão, personagem interpretado por Jorge Lafond em um dos quadros humorísticos do programa a praça é nossa, exibido no ano 2000 pelo sistema brasileiro de televisão SBT, uma reportagem do Estadão diz que:

“O quadro marcou época e segue tendo milhões de visualizações em vídeos que o lembram até os dias de hoje em redes sociais. A história era sempre a mesma (como é costume dos esquetes do programa): Carlos Alberto de Nóbrega, ou Charles Albert, como dizia Lafond em cena, conversava com alguns personagens, até que aparecia Vera Verão, sempre com maquiagem carregada e roupas espalhafatosas. Após uma bem-humorada discussão, vinha o ponto alto: lhe chamavam de "bicha", de forma ofensiva, e a resposta vinha com o clássico bordão: "Êêpa! Bicha não!" (ESTADÃO, 2018).

Em ambas as histórias, vemos o negro reproduzir nas telas, os mesmos estereótipos estigmatizados que fortalecem as diferenças sociais e hegemônicas, que pré-definem as narrativas, bem como, os papéis que devem ser ocupados por esses indivíduos. Portanto, para o homossexual negro, os perfis que lhe cabe representar é sempre humorístico ou marginal, ou ambos dentro de um contexto periférico. O que não é diferente dos dois perfis expostos acima.

A construção social e imagética do homossexual negro esvazia-se da sua singularidade se lançando em meio a padronização impositiva, que dita regras até mesmo no meio LGBT. Se por um lado o homem negro heterossexual se vale da sua masculinidade para sobreviver às imposições hegemônicas do sistema heteronormativo, por outro, o homem negro homossexual e afeminado, não pode se valer dos mesmos

privilégios. Para a “bixa” preta afeminada⁶, sua existência vai de contra a tudo que é bom, belo e divino. E haja visto que se sua essência não agrada, a sua pele também não lhe ajuda, como postulam Hasenbalg e Silva (1998):

“[...] o negro brasileiro, exposto ininterruptamente às imagens de um mundo branco dominante, ficará confinado às alternativas de uma autoimagem negativa ou adoção de um ideal de ego branco nos seus intentos de ascensão social” (HASENBALG; SILVA, 1998, p. 188).

Analisando o exposto acima, dentro de um viés de gênero e sexualidade, observa-se, as dificuldades que o homossexual negro e afeminado precisa combater para não cair nas armadilhas da sociedade que praticamente o obriga a se embranquecer para que o seu perfil esteja dentro dos padrões midiáticos.

Contudo artista que declaram publicamente a sua sexualidade, sendo eles negros ou brancos precisam cada vez mais lidar com as imposições heteronormativas da mídia. Entretanto, ainda que não seja fácil para gays brancos transporem as barreiras da homofobia e do machismo em uma sociedade patriarcal, ainda assim, existe um caminho a trilhar, e cheios de exemplos positivos. O que faz com que a caminhada não seja tão incerta, quanto a do gay negro afeminado, cujo palavras e vestes vão de contra a construção social do que é certo ou errado perante a sociedade a exemplo de cantores e verdadeiros contraventores da ordem, como Rico Dalasam, Linn da Quebrada, As bahias e cozinha mineira e Liniker, haja visto ao decorrer do presente artigo, e como também influi o pensamento de Rafael Miranda no artigo lampejos de resistência na cultura pop brasileira:

“Há duas diferenças fundamentais entre esses artistas citados e outros artistas da música que já performaram num diálogo entre os gêneros (David Bowie, Ney Matogrosso, Cássia Eller): a primeira é que os aspectos transgêneros de Liniker e MC Linn não se restringem apenas ao palco, mas se amplia na vida cotidiana destes. Eles perfomam o não-binarismo em seus cotidianos. O segundo aspecto se dá no fato de que são artistas negros e periféricos. A resistência contida em suas imagens se dá para além das definições de gênero, para aspectos juvenis, sociais (reconhecendo-se assim suas raízes com o pop) e raciais da sociedade brasileira”. (MIRANDA, 2017)

⁶ Afeminado- substantivo masculino - O indivíduo que deixou de possuir modos viris; quem é muito delicado ou sensual; aquele que expressa fragilidade e fraqueza. Etimologia (origem da palavra afeminado). Part. de afeminar.

Com o advento da internet, tornou-se cada vez mais comum a (hiper)mediatização de artistas que subvertem as normas do sistema, fazendo emergir das periferias e guetos, corpos atrozés, do ponto de vista conservador, que no entanto, partem para a linha de frente da luta contra a invisibilização de minorias. Como no caso da Mc Linn da Quebrada, uma atriz, cantora, compositora, ativista social e travesti brasileira, que usa seu corpo como um ato político, cujo suas composições e performances, impulsionam o movimento LGBT, bem como as minorias contidas neste espaço.

Contudo, esse movimento artístico/social, toma corpo e força no espaço digital, de tal maneira que obriga a indústria cultural e as mídias tradicionais a repensarem seus moldes de dominação, sob uma ótica mais social. Dialogando diretamente com o ciberespaço, propiciando a abertura de espaços midiáticos para esses novos artistas, lhes apresentando o *Mainstream*⁷, junto com a possibilidade de atingir novos públicos. Entretanto, o grande problema disso seria a reprodução esvaziada e em larga escala de algo tão político, e o quanto essa mediatização contribuiria para a ressignificação dos estigmas desse grupo social.

Uma vez a sociedade tendo posse da informação, as ações de padronização da indústria, passam a não fazer o mesmo efeito, o que compromete a forma com que a notícia chega até o destinatário, bem como, a legitimidade dos signos utilizados. Impondo para a indústria uma nova configuração, onde o receptor da mensagem também produz a mensagem, com aspectos mais políticos e sociais, além de maior personalização de acordo com o nicho.

Para minorias tão invisibilizadas, encontrar espelhos que reflitam a sua totalidade enquanto indivíduo, e compreender quem se é sem precisar se referenciar, em uma imagem tão distópica da realidade, sem medo da censura ou da fúria de quem não admite essa nova configuração social, é no mínimo revigorador.

Na música “*Bomba pra Caralho*”, a cantora Linn da Quebrada, ativista transexual de 25 anos, não fala só sobre os direitos LGBT (Transexuais, Lésbicas, Gays

⁷ *Mainstream*: Um grupo, estilo ou movimento com características dominantes. E se tratando de grupo musical, artista ou banda mainstream agrada a maioria da população e apresenta um conteúdo que é usual, familiar e disponível à maioria e que é comercializado com algum ou muito sucesso.

e Bissexuais), mas, defende o direito de ser afeminada, ou como a própria, referência em suas composições o movimento de "enviadece", se colocando na linha de frente do movimento de resistência, evidenciando o sentimento de ascensão bem como o preço de assumir uma bandeira que representa não apenas o seu público, como também a sua luta enquanto indivíduo marginalizado:

“Bomba pra caralho, bala de borracha, censura, fratura exposta, fatura da viatura, que não atura pobre preta revoltada. Sem vergonha, sem justiça, tem medo de nós. Não suporta a ameaça dessa raça, que pra sua desgraça a gente acende (a)ponta, mata a cobra, arranca o pau” (Linn da Quebrada, 2017).

Com palavras certas a música traduz o sentimento da “bixa” preta, que subverte as normas heteronormativas, se desvinculando efetivamente da masculinidade com a qual o corpo negro está condicionado, do ponto de vista falocêntrico. Linn exalta a liberdade dos corpos difusos do padrão normativo, e como ela mesmo diz “Impulsiona o movimento, envaidece a viadagem”.

Tal visibilidade, faz do ciberespaço a mola propulsora que impulsiona toda a construção social a se reformular diante das novas configurações de poder, onde o consumidor passa a ter voz e poder de interferência na mídiatização de um produto ou marca, passando assim a cobrar que estes tenham mais responsabilidade social, e que também reflitam a cara desse público.

Contudo, é importante observar que as novas configurações sociais quando aliadas a todos os outros setores da comunicação de massa propicia a ascensão de artistas que representam minorias como no caso de artistas negros, homossexuais e afeminados, que fazem reverberar na sociedade lampejos de resistência, e resignificação, ocupando cada vez mais espaços, dentro da publicidade e da mídia, provocando uma reconfiguração dos moldes, abrindo espaços para além dos locais marginalizados e ridicularizados que doravante se praticava.

É sabido que de tudo o que se vem sendo transformado na sociedade, é muito pouco diante dos anos de invisibilização, mas é importante enaltecer as alterações que esses novos padrões de mídiatização vêm fazendo na sociedade, se aproximando ainda mais do ideal de pluralidade que hoje se configura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser a “bola da vez” na indústria cultural pode definitivamente não ser o conto de fadas que se imagina, principalmente para quem nunca esteve lá ou nunca sequer teve o direito de se imaginar nesse local. Esse contexto está relacionado diretamente também a comunidade afro-brasileira e sua relação com gênero, raça e classe onde por séculos esteve fadado a replicar os reflexos do inescrupuloso jogo da imitação midiática. Que reduz o corpo negro a uma zona de protagonismo vulgar, depreciativa e na maioria das vezes inexistente. A “bixa” preta afeminada estigmatizada pela sua cor e marginalizada por expressar a sua essência, é a grande vítima de uma sociedade machista e patriarcal que estabelece níveis hierárquicos até dentro do próprio meio LGBT fazendo com que mais do que nunca a resistência seja um fator essencial para a sua existência.

Grupos sociais menos favorecidos e muitas vezes invisibilizados, encontram na internet, um espaço, onde a sua voz pode ser escutada e se juntar a milhares de outras vozes. Estas vozes são capazes de modificar até mesmo os moldes da indústria cultural, criando espaços para aqueles que pensariam que não poderiam jamais pertencer a algum lugar dentro da sociedade de forma genuína. Sem precisar se submeter a processos de branqueamento ou atender a um estereótipo colonial. Artistas negros, gays e afeminados - antes marginalizados e invisibilizados, hoje empoderaram pessoas. É como se as mazelas da individualidade de cada um, convertem-se em processos coletivos de empoderamento. Ressignificando palavras de opressão dando a elas um novo contexto, sob uma perspectiva de representatividade, que impulsiona o indivíduo a uma vida com maiores expectativas.

Contudo esse movimento artístico/social, que tende a emergir do ciberespaço, toma cada vez mais força, de tal maneira que obriga a indústria cultural e as mídias tradicionais a repensarem seus moldes de dominação. Sob uma ótica mais social, propiciando a abertura de espaços midiáticos para esses novos artistas. Influenciando diretamente nos novos hábitos de consumo e mexendo nas estruturas sociais, uma vez que não se submete mais as ações de padronização da indústria. Colocando-se no meio do caminho entre mensagem e resposta, passando a cobrar por mais representatividade por parte das marcas bem como da mídia em si.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise mais profunda dos aspectos culturais, sociais e comportamentais acerca das novas configurações da sociedade. A partir dele foi possível entender a importância da representatividade nos espaços publicitários e midiáticos como num todo. Bem como compreender que, o papel de impulsionar o surgimento de artistas que emergem da própria sociedade, é, para minorias tão invisibilizadas o mesmo que encontrar espelhos que reflitam a sua totalidade enquanto indivíduo. Além de perceber-se enquanto indivíduo singular mesmo com aspectos plurais sem precisar se referenciar, em uma imagem tão distópica da realidade, sem medo da censura ou da fúria de quem não admite essa nova configuração social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia

ARAÚJO, J. Z. “**A força de um desejo: a persistência da branquitude como um padrão estético audiovisual**”. Revista USP, São Paulo, n 69 P.72-79, mar-mai 2006 in MARTINS, Carlos Augusto Miranda e. Negro, publicidade e o ideal de branqueamento da sociedade brasileira. São Paulo, 2008.

DRUMONT, M. P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas, são paulo, 3: 81-85, 1980.

HALL, S. **What is this "Black" in Black Popular Culture?** In: WALLACE, Michele (Org.). Black Popular Culture. 2. ed. New York: The New Press, 1998. (1. ed.: Seattle: Bay Press, 1992). Tradução de Sayonara Amaral.

JUNIOR, Antônio Marcos dos Santos. **Hipersexualização e segregação social do homoafetivo negro: uma análise política em torno da intersecção e ntre homofobia e racismo**. MG, 2015.

KELNNER, D. **A Cultura da Mídia**, Bauru: EDUSC, 2001 in MARTINS, Carlos Augusto Miranda e. Negro, publicidade e o ideal de branqueamento da sociedade brasileira. São Paulo, 2008.

MAZETTI H. **Mídia alternativa para além da contra-informação**, São Paulo, 2008

MIRANDA Rafael, **Lampejos de resistência na cultura pop brasileira**, São Paulo, 2017

Webgrafia

LALOUM, David. **De representação para representatividade**. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2016/12/14/da-representacao-para-a-representatividade.html>> Acesso em: 29 Abril. 2018.

ITO, Carol. 2017. **Negro Drama.** Disponível em:
<<https://revistatrip.uol.com.br/trip/masculinidade-negra-ser-homem-negro-no-brasil-e-conviver-com-uma-serie-de-estereotipos-que-envolvem-genero-raca-e-classe-social>> Acesso em 25 outubro. 2018.

PEREIRA, Néli. 2016. **De testemunha de Jeová a voz do funk LGBT, MC Linn da Quebrada se diz 'terrorista de gênero'.** Disponível em:
<<http://g1.globo.com/musica/noticia/2016/09/de-testemunha-de-jeova-voz-do-funk-lgbt-mc-linn-da-quebrada-se-diz-terrorista-de-genero.html>> Acesso em: 20 outubro. 2018.

REDAÇÃO Adnews, 2017, **Rapper enfrenta os tabus de ser negro e gay em filme de TNT.** Disponível em:
<<http://adnews.com.br/internet/rico-dalasang-encerra-corrente-da-resistencia-da-tnt.html>>
Acesso em: 20 outubro. 2018.